

Deflator do PIB e IGP-DI médio

Em 1999, a variação média registrada pelo deflator do PIB (4,33%) situou-se abaixo das registradas pelos índices gerais de preços da FGV (11,34% medida pelo IGP-DI), bem como pelos índices de preços ao consumidor do IBGE (4,86%, pelo IPCA). Uma das implicações desses resultados foi a projeção do PIB nominal pelo Banco Central do Brasil, que utiliza o IGP-DI como proxy do deflator, em patamar superior ao efetivamente divulgado pelo IBGE. A utilização do IGP-DI deve-se à maior abrangência de produtos em sua metodologia, o que, historicamente, o aproxima mais à variação dos preços do PIB.

Considerações sobre o comportamento dos indicadores em 1999 e 2000

As diferenças ocorridas entre as variações do deflator e dos principais índices de preços podem ser entendidas a partir dos conceitos relacionados a cada um. Esses conceitos explicitam os objetivos de cada índice, evidenciando o porquê da discrepância ocorrida em 1999.

Os índices gerais de preços têm o objetivo de aferir a inflação relativa à oferta global de bens e serviços da economia, compreendendo todas as transações ocorridas no processo. Dessa forma, esses indicadores compõem-se de produtos do comércio atacadista e do varejo, além de considerar os custos da construção, que têm impacto sobre o deflator da formação de capital fixo.

Os índices de preços ao consumidor, cujo objetivo é medir a variação de preços de bens e serviços consumidos pelas famílias, não contemplam bens destinados ao consumo da administração pública e à formação bruta de capital fixo.

O deflator implícito do PIB tem o objetivo de refletir a variação de preços do valor adicionado. Diferencia-se dos índices de preços pela sua abrangência e pelo tratamento dado às importações. Assim, aumento dos preços das importações em reais significa crescimento dos índices de preços devido ao encarecimento dos produtos transacionados internamente, tanto no segmento atacadista como no varejo. O efeito desse aumento é diferente sobre o deflator pelo fato das importações não se constituírem valor adicionado. Se o aumento dos preços das importações for integralmente repassado aos agentes finais, o impacto sobre a variação do deflator será nulo. Entretanto, se parte dessa elevação for absorvida pelos agentes produtivos – significando redução de margens – o impacto sobre a variação do deflator será negativo. Nessa diferença de tratamento dada pelos índices de preços e pelo deflator reside a principal razão para os comportamentos distintos em 1999¹.

¹ Esse argumento é comprovado pela variação de 10,19% registrada nos preços da oferta global das contas nacionais, que é compatível com a variação (11,33%) e a abrangência do IGP.

As transações intermediárias também têm tratamento distinto entre os diversos índices, mas com pouca influência no resultado global do deflator, e refletem a soma ponderada da variação de preços da demanda final menos a variação de preços das importações. Se as variações dos preços do consumo intermediário fossem menores do que as ocorridas, mantendo-se constantes os demais valores, ocorreria redução da variação média do IGP-DI, sem alterações da variação dos IPCs e do deflator.

As diferenças entre o comportamento do deflator e dos índice de preços em 1999 podem ser exemplificadas a partir da evolução dos preços associados a cada um dos componentes do PIB pela ótica do dispêndio. O quadro a seguir apresenta as variações de preços desses componentes, bem como as respectivas contribuições na composição do deflator do PIB.

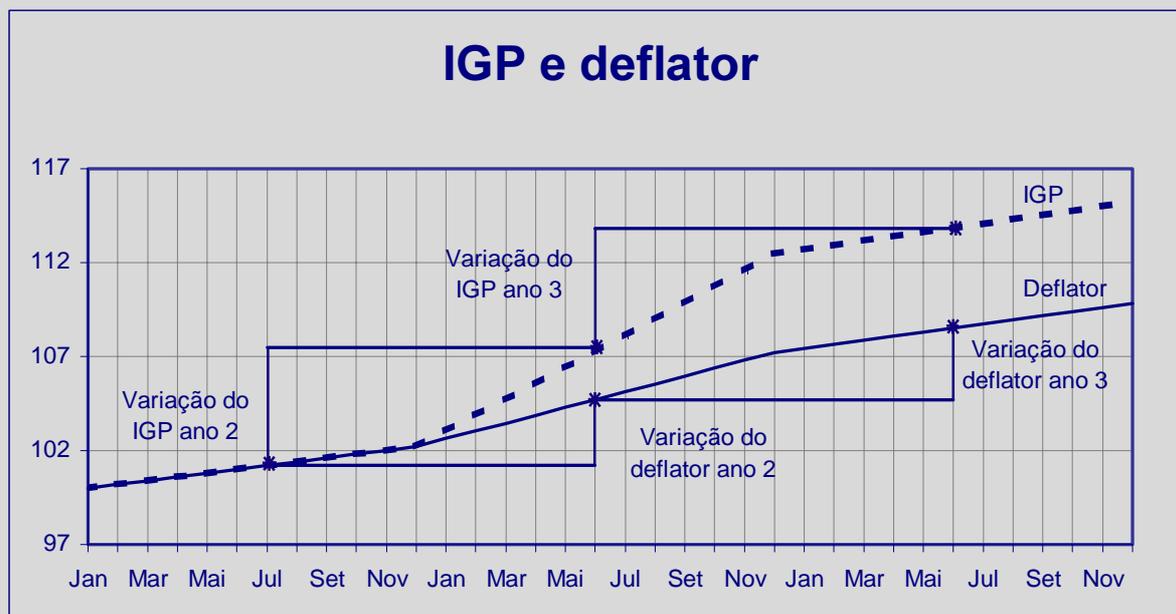
Deflator do PIB por componentes - variações e contribuições

Ano	Consumo pessoal		FBCF		Var. estoques		Adm. Pública		Exportações		Importações		PIB
	Var.	Cont.	Var.	Cont.	Var.	Cont.	Var.	Cont.	Var.	Cont.	Var.	Cont.	
	%												
1995	70,90	42,84	70,77	14,54	-7,52	-0,13	100,32	19,66	53,37	4,12	36,65	-3,48	77,55
1996	21,33	12,81	11,69	2,40	-6,30	-0,06	12,14	2,38	7,35	0,57	7,26	-0,69	17,41
1997	8,39	4,74	5,31	1,05	15,03	0,20	7,80	1,25	7,03	0,53	5,30	-0,52	7,25
1998	4,45	2,77	4,51	0,89	-2,66	-0,04	5,83	1,08	0,11	0,01	-0,20	0,00	4,71
1999	5,83	3,55	9,67	1,74	-4,21	-0,07	3,10	0,59	30,32	2,57	49,73	-4,06	4,33

Considerando os últimos três anos, observou-se relativa estabilidade das contribuições de cada componente, menos evidente em 1999, em razão da desvalorização cambial de janeiro. Com efeito, a magnitude das contribuições associadas aos deflatores das importações e exportações, que oscilavam em torno de 0,5% no período 1996 a 1998, situaram-se em 2,57% e 4,06%, respectivamente, em 1999.

De outra forma, a deterioração dos termos de troca ocorrida em 1999 (aumento dos preços das importações acima dos preços das exportações) explica em grande parte o valor obtido para o deflator do PIB. Caso a variação dos preços das exportações fosse idêntica à variação dos preços das importações, o deflator do PIB seria de 5,98%, que se situaria, então, entre a variação média do IPCA e do IGP-DI.

Para 2000, dois aspectos merecem destaque sobre o comportamento do deflator em relação aos índices de preços. O primeiro, diz respeito ao chamado efeito *carry-over*. Como o IGP-DI e o deflator “descolaram” ao longo de 1999, e como se trata de índices cuja variação é calculada considerando o conceito média contra média (média dos preços em 1999 contra média dos preços em 2000), tal descolamento tem seu efeito distribuído por dois anos. O gráfico a seguir ilustra esse efeito.



O gráfico mostra o comportamento hipotético do IGP-DI e do deflator em três anos. No primeiro ano, supõe-se que ambos evoluam juntos a partir de uma mesma base, de modo que apenas uma linha representa os dois indicadores. No segundo ano, a exemplo do que ocorreu em 1999, o IGP-DI cresce acima do deflator, e no terceiro, ambos voltam a ter o mesmo comportamento mas, devido à diferença observada no ano anterior, partem de bases diferentes. Os asteriscos ao longo das curvas indicam os preços médios para os dois índices em cada ano. A variação média dos índices em cada ano é obtida, graficamente, pela diferença entre os preços médios do próprio ano em relação ao preços médios do ano anterior. Observe-se que apesar do descolamento das curvas ter ocorrido apenas no ano 2, a variação do IGP-DI medida por esse critério é maior tanto no ano 2 quanto no ano 3, ou seja, a diferença observada pelo conceito ponta a ponta tem impacto em dois anos consecutivos.

O outro aspecto refere-se ao comportamento dos termos de troca, fator preponderante para explicar as diferenças entre os índices de preços e o deflator em 1999. Contudo, dados da Funcex para 2000 mostram que as variações dos preços de importação e de exportação não foram significativas nesse ano. Além disso, o dólar médio apresentou apreciação em 2000, o que provoca queda no preço das importações em reais. Esse último impacto isoladamente, deveria elevar a variação do deflator comparativamente aos índices de preços, resultado simétrico ao ocorrido em 1999, entretanto a magnitude dessa apreciação foi pequena, com pouco efeito sobre o deflator.

Assim, a variação média do IGP-DI, que atingiu 13,77% em 2000, deverá superar a variação do deflator, basicamente pelo efeito *carry-over*. Esse efeito foi estimado em quase seis pontos percentuais, o que produz uma estimativa de cerca de 7,5% para o deflator do PIB.

Observa-se que com a divulgação do PIB nominal trimestral pelo IBGE, a partir de junho de 2000, as diferenças entre o deflator e o IGP-DI passaram a ser incorporadas trimestralmente nas estimativas do PIB nominal do Banco Central. Assim, como já estão disponíveis informações para os três primeiros trimestres, a diferença entre a variação média do IGP-DI e o deflator do PIB em 2000, pouco impacto terá sobre o valor do PIB projetado pelo Banco Central para o ano.